

FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO

RODRIGO MOURA DE OLIVEIRA

**EXISTÊNCIA, SOFRIMENTO E SUPERAÇÃO
NO PENSAMENTO DE VIKTOR FRANKL**

SÃO PAULO

2017

FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO

RODRIGO MOURA DE OLIVEIRA

**EXISTÊNCIA, SOFRIMENTO E SUPERAÇÃO
NO PENSAMENTO DE VIKTOR FRANKL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca avaliadora da FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Filosofia, sob a orientação da Prof^a Dr^a Cleusa Kazue Sakamoto.

SÃO PAULO

2017

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Oliveira, Rodrigo Moura de.

Existência, sofrimento e superação no pensamento de Viktor Frankl / Rodrigo Moura de Oliveira; orientadora Cleusa Kazue Sakamoto. -- São Paulo, 2017.

59 p.

Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação

1. Sofrimento 2. Existencialismo 3. Antropologia Filosófica 4. Filosofia Contemporânea 5. Logoterapia I. Título.

LC: B53

RODRIGO MOURA DE OLIVEIRA

**EXISTÊNCIA, SOFRIMENTO E SUPERAÇÃO NO PENSAMENTO DE VIKTOR
FRANKL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca avaliadora da FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Filosofia, sob a orientação da Prof^a Dr^a Cleusa Kazue Sakamoto.

São Paulo, 08 de dezembro de 2017.

Prof. Ms. Domingos Zamagna

Prof. Ms. Claudiano Avelino dos Santos

Prof^a. Dr^a. Cleusa Kazue Sakamoto

SÃO PAULO

2017

À Zana, minha mãe.

Agradeço imensamente à Congregação dos Padres e Irmãos Paulinos, especialmente a Padre José Carlos de Freitas Júnior, Irmão Alexandre Carvalho e Padre Claudiano Avelino dos Santos, que foram homens essenciais para o meu processo formativo e me acompanharam de perto na construção deste trabalho.

Agradeço também à minha orientadora, Professora Cleusa Sakamoto, pela paciência e, sobretudo, pelas boas instruções que serviram como alicerce para a minha formação acadêmica.

Agradeço ainda à minha família: minha mãe Zana, meu pai Orlando e meu irmão Renato, que estiveram presentes na minha formação enquanto pessoa e me educaram para o mundo e para a vida.

*Amor é a única maneira de captar outro ser humano
no íntimo da sua personalidade.*

Viktor Frankl

RESUMO

OLIVEIRA, Rodrigo Moura de. Existência, sofrimento e superação no pensamento de Viktor Frankl. São Paulo, 2017. 59 pág. (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia).

Na história da filosofia, em diversos momentos o sofrimento foi tematizado, mas os limites humanos foram fonte de reflexão especialmente na filosofia existencialista. Mas que possibilidades o sofrimento abre ao ser humano? Na busca da resposta para essa questão, estudamos o pensamento de Viktor Frankl (1905-1997), que entende o ser humano como um ser aberto para o futuro, capaz de superar o sofrimento e outros obstáculos quando encontra o sentido: algo fora de si, para o qual o indivíduo se direciona: uma pessoa, uma causa.

Palavras-chave: Sofrimento; Existencialismo; Antropologia Filosófica.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Rodrigo Moura de. Existence, suffering and overcoming in the thought of Viktor Frankl. São Paulo, 2017. 59 pág. (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia).

In the history of philosophy, at many times suffering was thematized, but human limits were the source of reflection especially in existentialist philosophy. But what possibilities does suffering open to the human being? In the search for the answer to this question, we study the thought of Viktor Frankl (1905-1997), who understands the human being as an open being for the future, capable of overcoming suffering and other obstacles when he finds meaning: something out of himself, to which the individual is directed: a person, a cause.

Key-words: Suffering; Existencialism; Philosophical Anthropology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Capítulo 1.....	14
1. A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA.....	14
1.1. Existencialismo: filosofia do século XX	14
1.2. Kierkegaard	16
1.2.1. Kierkegaard: o filósofo pós-hegeliano.....	16
1.2.2. Fé, liberdade, pecado e escolha.....	19
1.2.3. O pecado: uma chave de leitura da condição humana.....	21
1.3. O desenvolvimento da filosofia existencialista no século XX	22
1.3.1. A fenomenologia.....	22
1.3.2. Algumas características do existencialismo.....	24
Capítulo 2.....	26
2. VIKTOR FRANKL: O SER HUMANO É CAPAZ DE TRANSCENDER-SE	26
2.1. O sofrimento humano do ponto de vista da filosofia	26
2.2. Dor e sofrimento: definições	27
2.3. A Filosofia e o sofrimento	29
2.4. O sofrimento e a vontade de sentido em Viktor Frankl.....	33
2.4.1. Diversas reações ao sofrimento.....	35
2.4.2. O trabalho e o sofrimento frente ao extermínio	38
Capítulo 3.....	41
3. A ANTROPOLOGIA DE FRANKL: O SER HUMANO E A CAPACIDADE DE SUPERAÇÃO	41
3.1. Filosofia e terapia a partir de si mesmo	41
3.2. O homem: um ser muito mais que o instinto.....	43
3.3. A importância do sentido da existência.....	45
3.4. O homem, um ser em tensão	47
3.4.1. O problema do vazio existencial	48
3.4.2. A solução para o vazio: ter uma tarefa a realizar	48
3.4.3. O sofrimento como caminho de descoberta do sentido.....	49
3.5. Responsabilidade da pessoa perante seu destino.....	50
3.5.1. O ser humano e a fé	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

INTRODUÇÃO

O sofrimento humano é um tema que nos chamou a atenção frequentemente ao observarmos diferentes histórias de vida e exemplos de superação, seja diante de problemas de saúde, diante de acidentes ou outras situações inesperadas. Ao contemplarmos pessoas que, ao enfrentarem situações de sofrimento mostraram-se enriquecidas em aprendizagens e relataram o bom uso que fizeram de suas dores, ao transformá-las em conhecimento de si e do mundo, consideramos a hipótese de que o sofrimento poderia ser identificado como fator que pode despertar uma conscientização maior sobre os processos do viver, auxiliando a percepção de elementos relevantes nem sempre aparentes.

Consideramos que o tema poderia ser um bom assunto para dedicar um estudo aprofundado em uma Monografia, pois permitiria um debate significativo sobre uma pergunta que nos aguça, qual seja: Quais as consequências antropológicas do sofrimento para o sentido da vida?

O sofrimento integra a vida humana e é motivo de questionamento a respeito do sentido de sua existência. É superando situações de dor, enfrentando dificuldades e a angústias que o ser humano constrói sua individualidade e suas relações com os outros, constrói até mesmo seu sistema de crenças e valores.

Dentre os pensadores que trataram do problema, escolhemos o médico psiquiatra e psicólogo vienense Viktor Frankl (1905-1997), porque não só teorizou, mas também experimentou o sofrimento de maneira profunda na própria vida, oferecendo, a partir de sua experiência, elementos para que pessoas em situações-limite, reflitam acerca da própria existência e encontrem saída para seus dilemas. Por outro lado, hoje, o sofrimento é causa de angústia para muitos, tema de relevância que pode trazer luz ao entendimento da busca de sentido da vida.

A grande interrogativa da Antropologia sobre “Quem é o homem?” pode ser feita a partir da dor diante de determinadas situações. Quando estamos diante desse questionamento, surgem em nossa mente diversos aspectos, que para nós são constituintes do homem ou da natureza humana. A pergunta “Quem é o homem?” envolve, de maneira clara, a origem e o destino dele, levando em consideração o caminho que ele trilha durante sua vida, sendo esse caminho constituído de diversos

elementos que, juntos, nos apresentam uma definição de homem ou, ao menos, algo que se aproxima dela.

Para estudar o pensamento de Viktor Frankl e destacar nele o tema do sofrimento e sua superação, tratamos primeiramente da filosofia existencialista, destacando o pensamento do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855). Kierkegaard foi um dos primeiros pensadores depois de Hegel (1770-1831) que, para fazer sua filosofia, levou em consideração o homem como indivíduo. Estando inserido no âmbito da tradição cristã luterana, ele tratou de temas como o pecado e a angústia dos indivíduos em seus limites diante do poder e da perfeição de Deus. Ele também abordou a questão do pecado em relação com o desejo de levar uma vida autêntica. Nessa luta que é a vida, para Kierkegaard o homem é solitário e responsável por seus atos diante de Deus.

A solidão do indivíduo tratada por Kierkegaard é um tema que se vai perceber no pensamento desenvolvido no século XX, um tempo de muita contradição entre o ideal que o homem faz de si e as misérias decorrentes de sua liberdade. Expressão disso são a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. Nesses conflitos, o ser humano experimentou os benefícios do poder da razão com os inventos tecnológicos, mas ao mesmo tempo percebeu o grande mal que eles podem fazer, como usar aviões para jogar bombas sobre pessoas inocentes. Dentre as muitas vítimas desse uso inconsequente dos produtos da razão, podemos citar aquelas que padeceram e morreram nos campos de concentração, dos quais Viktor Frankl também foi vítima, mas soube superar sua experiência de dor.

Diante de tudo isso, o ser humano se pergunta: Qual é o sentido da existência humana? Essa é a pergunta da filosofia existencialista. Muitas respostas podem ser dadas. Uma delas pode ser que a vida não tem sentido algum e a existência é um absurdo. Outra possibilidade é que a vida tem um sentido sim, mas este está escondido e o homem precisa encontrá-lo de algum modo. Nessa busca por sentido ou como ser que é obrigado a reinventar diariamente o significado de sua vida, o homem é tocado pela angústia. Ao tratar dessa angústia, o existencialismo busca compreender a liberdade humana de escolher, que é, por um lado, uma possibilidade, mas, por outro, uma responsabilidade.

Em poucas palavras, a filosofia existencialista é uma filosofia do sentido ou da falta de sentido da vida e da liberdade humana. Foi com essa filosofia que Viktor Frankl lidou. Mas seu modo de lidar não foi meramente teórico. Ele teorizou a partir de sua experiência nos campos de concentração do regime nazista. Ele sofreu e pôde superar seu sofrimento. Viveu no cotidiano a ameaça de perder a vida e o desafio de enfrentar o estado de desequilíbrio diante de uma situação absurda em que o sentido de viver fica em suspenso pela sobrevivência.

Assim, a partir da experiência de Viktor Frankl e de seus escritos, especialmente do livro *Em busca de sentido: um psicólogo num campo de concentração*, procuramos nos perguntar sobre o que é o ser humano segundo Viktor Frankl, e como ele é capaz de superar a dor e o sofrimento.

O presente estudo de natureza teórica e abordagem qualitativa, está apoiado em ampla pesquisa bibliográfica que permitirá “avanços significativos no conhecimento do Tema”¹, trazendo luz ao debate sobre o sofrer e a possibilidade de desenvolvimento humano frente a experiência.

¹ Cf. SAKAMOTO; SILVEIRA. *Como fazer projetos de iniciação científica*, p. 29

Capítulo 1

A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA

1.1. Existencialismo: filosofia do século XX

No decorrer da história da filosofia encontramos diversas vezes a existência como tema central de reflexão. Muitos filósofos destacaram a existência concreta do ser humano como foco de reflexão. Alguns chamam tal abordagem de Filosofia da existência, outros de existencialismo. Mas foi no século XX, um tempo fortemente marcado pela desilusão do ser humano com a razão, especialmente por causa das barbáries que presenciou nas duas grandes guerras, que essa filosofia se desenvolveu. A respeito do século XX, diz o historiador Eric Hobsbawm:

A humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século 20 desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o Breve Século 20 sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam (p. 29).²

Foi nesse tempo que se constituiu uma filosofia denominada existencialista, justamente por considerar o ser humano em sua realidade contextual, em suas particularidades como indivíduo, mais do que como parte do Estado ou de qualquer grande sistema. Nicola Abbagnano expressa bem o espírito da filosofia existencialista e sua ênfase no indivíduo:

De fato, para o homem, filosofar significa, em primeiro lugar, enfrentar o próprio destino e pôr claramente diante de si os problemas resultantes da própria relação consigo mesmo, com os outros homens e com o mundo.³

É uma filosofia bastante adequada ao século XX, quando o ser humano experimenta os limites de sua racionalidade e tem a impressão de que respostas universais não servem para seus pequenos problemas. Naturalmente, essa filosofia não se fez sem dialogar também, como veremos adiante, com pensadores de séculos anteriores, que destacaram elementos da vida do indivíduo como objetos de

² E. ROBSBAWN, *Era dos extremos*, p. 29.

³ N. ABBAGNANO, *Introdução ao existencialismo*, p. 17.

seu pensamento. Como bem expressa Lima Vaz, a reflexão a respeito do ser humano já se encontrava nas origens do pensamento ocidental:

Desde a aurora da cultura ocidental [...] a reflexão sobre o homem, aguilhoada pela interrogação “o que é o homem?” permanece no centro das mais variadas expressões de cultura: mito, literatura, ciência, filosofia, *ethos* e política. Nela, emerge como fulgurante evidência essa singularidade própria do homem, que é a de ser o interrogador de si mesmo⁴.

É nela que inserimos o pensamento de Viktor Frankl, pois ele, como testemunha dos horrores dos campos de concentração, desenvolveu um pensamento com base em sua vivência pessoal, marcada pelo sofrimento, pela dor e pela busca de superação. Nesse sentido, ele mesmo reconhece a logoterapia como uma psicoterapia existencial.⁵

No entanto, a expressão “filosofia existencialista” não é unívoca. Sob esse nome se abriga uma diversidade de correntes, de modo a podermos compreender que, na multiplicidade de nomes aplicados, encontramos também uma grande diversidade de correntes envolvidas. A esse respeito, diz o filósofo Jean-Paul Sartre (1978):

...há duas espécies de existencialistas: de um lado, há os que são cristãos, e entre eles incluirei Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica; e, de outro lado, os existencialistas ateus, entre os quais há que incluir Heidegger, os existencialistas franceses e a mim próprio. O que têm em comum é o fato de admitirem que a existência precede a essência ou, se quisermos, que temos de partir da subjetividade.⁶

A filosofia existencialista teve muitos ascendentes, os quais, com seus pensamentos e abordagens, ajudaram a formá-la. Mesmo que tenha desenvolvido uma vertente ateia, como vimos acima, os filósofos que se aproximaram da reflexão existencialista eram aqueles que faziam uma filosofia em interface com a teologia. Alguns, ou muitos deles, utilizavam a filosofia para compreender a teologia. Dentre tais pensadores podemos citar Blaise Pascal, como também Søren Kierkegaard.

⁴ H. LIMA VAZ, *Antropologia filosófica*, v. 1, p. 13.

⁵ Cf. FRANKL, *A vontade de sentido*, p. 11-13.

⁶ SARTRE, J.-P., *O existencialismo é um humanismo*, p. 5.

A respeito dessa relação entre a filosofia e a teologia nos primórdios do existencialismo, afirma Helferich:

Assim, os antepassados da filosofia existencial são, antes de tudo, pensadores incomuns do tenso campo intermediário entre a teologia e a filosofia, pensadores que decidiram com paixão esse conflito fundamental entre o plano universal e a existência pessoal.⁷

O pensamento de Viktor Frankl não é necessariamente religioso, mas ele também considera a religião como fator de superação. Sinal disso é sua obra intitulada *A presença ignorada de Deus*. Além disso, podemos considerar que a reflexão sobre os limites humanos, o sofrimento e sua superação, tão importante no pensamento de Viktor Frankl, foi bem aprofundada pelo pensamento teológico, como ocorreu com um pensador muito importante para o pensamento existencialista, Søren Kierkegaard, do qual trataremos a seguir.

1.2. Kierkegaard

A filosofia existencialista tomou corpo no século XX, como dissemos, mas buscou inspiração em um pensador do século anterior, que refletiu sobre o indivíduo e sua liberdade de escolha, a qual consiste ao mesmo tempo numa possibilidade e numa responsabilidade. Por essa liberdade o homem sofre. Assim, escolhemos tratar de Kierkegaard, um filósofo que conviveu – e criticou – com Hegel, cuja filosofia valorizava a história, o Estado, mas dava pouca importância ao indivíduo.

1.2.1. Kierkegaard: o filósofo pós-hegeliano

O dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), considerado como poeta, teólogo e filósofo, pensou como ninguém o ser humano não tanto como natureza ou espécie, mas sobretudo como indivíduo, priorizando a reflexão sobre as experiências vividas por cada um. Assim, mesmo estando inserido no século XIX, foi um filósofo que fez uma análise importante e original acerca da existência humana, além de ter sido um dos principais precursores da corrente existencialista que se

⁷ HELFERICH, C., *História da filosofia*, p. 388.

desenvolveu no século XX. De fato, ele é considerado o primeiro filósofo existencialista. Seu pensamento é fortemente marcado pela teologia luterana, pela ideia de pecado e pelo desejo de levar uma existência verdadeiramente autêntica. Contudo, sua relação com a religião está longe de ser pacífica, pois ele criticava fortemente a subserviência da sua Igreja ao Estado.⁸

Durante a juventude, dedicou-se aos estudos teológicos juntamente com seu irmão, segundo o desejo de seu pai. Depois de o pai falecer e deixar sua fortuna como herança, apenas seu irmão tornou-se pastor; Søren, por sua vez, resolveu dedicar-se à vida de escritor, vivendo da renda recebida (cf. HUISMAN, 2001, p. 565).

Segundo HUISMAN (2001, p. 566), Kierkegaard teria se decepcionado com o pai em razão de um pecado desconhecido por todos, motivo pelo qual teria rompido com os estudos de teologia e, sobretudo, desistido da carreira de pastor, para cair numa vida de libertinagem, e também de entrega a outros estudos, como a literatura e a moda estética, que estavam bastante em voga em seu tempo. Entretanto, no final da vida de seu pai, ambos fizeram as pazes, depois do que Søren Kierkegaard retomou os estudos teológicos e os concluiu com sucesso, tendo presente o grande desejo do pai.

Depois de passar por essas grandes mudanças em sua vida, Kierkegaard resolveu, definitivamente, dedicar o que restava de sua existência aos estudos. Ele desejava transpor os limites existentes entre literatura, filosofia e teologia, pois reconhecia a importância e a necessidade de criar um universo poético e filosófico a partir de suas experiências, com o objetivo principal de compreender a si mesmo. Esse foi o princípio de sua obra, que buscou incansavelmente compreender as possibilidades da existência humana.⁹ Kierkegaard “objetou a afirmação de Hegel de que sua filosofia era uma expressão filosófica do cristianismo, e atacou tanto Hegel quanto aqueles líderes da Igreja que haviam aceitado essa ideia”.¹⁰

O filósofo dinamarquês Kierkegaard se caracteriza principalmente por ser um autor *pós-hegeliano*, tanto do ponto de vista cronológico como em sua abordagem temática. Ele destaca-se principalmente como um filósofo crítico da cristandade e do

⁸ Cf. CHAUÍ, Kierkegaard – vida e obra, p. 10 e ss.

⁹ Cf. HUISMAN, *Dicionário dos filósofos*, p. 566.

¹⁰ ALLEN; SPRINGSTED, *Filosofia para entender Teologia*, p. 281.

cristianismo. Após a morte de Hegel, os filósofos dividiram-se em dois grupos, cada um impelido por uma maneira de compreender a proposta hegeliana: “os primeiros [...] julgavam que Hegel acabou com a positividade da religião. Já o segundo grupo, [...] julgava-o conservador por ainda aceitar – e conciliar – religião e filosofia” (PAULA, 2009, p. 19). De certa maneira, Kierkegaard insere-se no segundo grupo.

Em contraposição ao pensamento sintético da filosofia hegeliana, a filosofia produzida por Kierkegaard se distingue por separar o indivíduo, e, por conseguinte, o subjetivo do objetivo. Se a dialética de Hegel se caracterizava pela união dos opostos, Kierkegaard os separa e mostra os dramas da escolha que o indivíduo precisa fazer. Kierkegaard é, então, um defensor do indivíduo frente ao absoluto. Mostra, assim, a dramaticidade da existência. Assim, critica Hegel por seu racionalismo, por sua tendência em procurar racionalizar o universo. Para além da razão, Kierkegaard põe em questão a fé, que significa viver em meio a paradoxos e mistérios, especialmente no que diz respeito à fé cristã.¹¹

Pelas inspirações que Kierkegaard teve, seu existencialismo é sem dúvida de base cristã, pois é a partir da teologia cristã que ele faz as suas reflexões. Em diversas ocasiões ele critica Hegel por distanciar-se de alguma forma da concepção de que o homem é um ser *existente*. Em sua obra, Kierkegaard insiste:

No cristianismo há uma diferença radical entre Deus e os seres humanos ao ponto de nossa relação com Deus requerer tanto a ação divina como a ação humana. O obstáculo entre nós e Deus não é apenas a ignorância, como em Hegel, mas também o pecado. O pecado também só pode ser superado por meio da ação divina. A ação de Deus em Jesus Cristo superou a barreira do pecado e abriu-nos a possibilidade de reconciliação. Estar reconciliado não é meramente conhecer essa possibilidade, mas realizá-la, nós mesmos, por nossa resposta de fé. É ter fé no que não se pode conhecer, visto que a reconciliação é possível por um único e livre ato de Deus. Que tal ato tenha acontecido é um fato que não pode ser conhecível ou verificável pelo que nós podemos aprender sobre o movimento dialético da história de Hegel.¹²

Como se pode ver, Kierkegaard se vale da linguagem teológica para falar da situação do homem. De fato, se entendemos Deus como o Criador perfeito, ao observar a vida humana concreta em sua existência, com suas falhas, dificuldades

¹¹ Cf. FONTAN JUBERO Pedro, *Los existencialismos: claves para su comprensión*, p. 47 e ss.

¹² ALLEN; SPRINGSTED, *Filosofia para entender Teologia*, p. 282.

que o angustiam, o abismo entre Deus e o homem é grande. Observando a vida concreta do homem, é possível perceber essa lacuna. Como sair dessa situação? Várias são as possibilidades. Kierkegaard aponta a fé como caminho, aproximação da perfeição que é Deus e, portanto, superação da barreira que ele chama de pecado. A fé não é algo que possa ser controlado pela razão, mas a aposta necessária para que a angústia não sufoque o ser humano. A opção por viver a fé, ao invés de refugiar-se em qualquer abstração, é, para Kierkegaard, um empenho que demonstra a seriedade da vida, da existência.

1.2.2. Fé, liberdade, pecado e escolha

Em sua reflexão, Kierkegaard tem presente o homem e tudo o que pode torná-lo cristão. A partir dessa perspectiva, ele desenvolve uma análise original da existência humana. Essa análise influenciou de maneira particular o pensamento do século XX, a respeito do que afirmam ainda Allen e Springsted: “Kierkegaard desenvolveu uma análise original da existência humana que influenciou significativamente o movimento do século XX conhecido como existencialismo, que, por sua vez, influenciou a Teologia”.¹³

A filosofia de Kierkegaard possibilita uma reflexão particular sobre a existência humana, que leva a um questionamento pessoal profundo a respeito das relações que o indivíduo estabelece, seja no âmbito da fé (com Deus), seja em sua vida concreta, com as pessoas e com o mundo. Como bem lembra Abbagnano, “Kierkegaard também insistira no aspecto nadificante do possível, que torna problemáticas e negativas tanto as relações do homem com o mundo quanto as relações do homem consigo mesmo e com Deus”.¹⁴ Assim, podemos compreender, à luz de Kierkegaard, que as relações vividas pelo ser humano são mediadas por aspectos exteriores, dentre os quais o sofrimento, ou mesmo, no caso de Kierkegaard, a *angústia*, que exercem papel determinante para tais relações.

¹³ *Ibid.*, p. 281.

¹⁴ Abbagnano, *Dicionário de filosofia*, p. 403.

A nosso ver, o trecho abaixo ilustra com propriedade o pensamento de Kierkegaard no que diz respeito a sua relação com a fé, bem como sua compreensão do indivíduo enquanto responsável:

Ousarmos ser nós próprios, ousar-se ser um indivíduo, não um qualquer, mas este que somos, só face a Deus, isolado na imensidade do seu esforço e da sua responsabilidade: eis o heroísmo cristão, e confesse-se a sua provável raridade; mas haverá heroísmo no iludirmo-nos pelo refúgio na pura humanidade, ou em brincar a ver quem mais se extasia perante a história da humanidade? Todo o conhecimento cristão, por estrita que seja de resto a sua forma, é inquietação e deve sê-lo; mas essa mesma inquietação edifica. A inquietação é o verdadeiro comportamento para com a vida, para com a nossa realidade pessoal e, conseqüentemente, ela representa, para o cristão, a seriedade por excelência; a elevação das ciências imparciais, muito longe de representar uma seriedade superior ainda, não é, para ele, senão farsa e vaidade. Mas sério é, eu vo-lo afirmo, aquilo que edifica.¹⁵

Kierkegaard coloca aí o homem como indivíduo solitário, responsável por seus atos diante de Deus. Enquanto tal, ele não pode refugiar-se em qualquer abstração que seja: a humanidade, a história ou a história da humanidade. Todavia, por se perceber assim, como responsável por si e por seus atos, o ser humano se inquieta. Isso parece terrível, mas constitui, segundo Kierkegaard, o verdadeiro heroísmo.

Para Kierkegaard, refletir sobre o homem e sua existência é também questionar-se acerca do sujeito que ele deve tornar-se, e não considerar apenas a sua objetividade. Existem coisas que para o ser humano podem ser tomadas objetivamente, porém, existem outras que devem ser interpeladas de maneira diferente, ou seja, tendo presente a sua subjetividade, que lhe é própria. O homem não é um ser fechado, pronto, acabado. É evidente que o indivíduo possui certas características que lhe permitem ser chamado de ser humano, mas elas não são a totalidade de uma pessoa. A pessoa é marcada pela abertura, pelas possibilidades. Dessa maneira o filósofo inicia uma abordagem importante do indivíduo, considerando sua existência humana.

Um ser humano existente deve decidir, ou escolher, *tornar-se* um indivíduo ético ou religioso. Não se é “imediatamente” ético ou religioso; ao mesmo tempo, não há transição possível entre essas esferas por meio de informações e demonstrações. Se fosse possível

¹⁵ Cf. KIERKEGAARD, *O desespero humano*, p. 314.

a uma teoria ou filosofia dizer o que um indivíduo é – determinar completamente o tipo de ser humano que ele é – então essa pessoa deixaria de ser um *indivíduo*, ou seja, alguém responsável pelo que é e pelo que se torna ou não. Se nós não tivéssemos essa liberdade, não seríamos mais responsáveis pelo que nós somos. Assim, em Kierkegaard, a escolha ou decisão destacam-se como a característica mais importante da existência humana.¹⁶

A abertura que caracteriza o ser humano é como uma moeda de dois lados: de um lado, ele tem possibilidade de escolha, com múltiplas alternativas. Mas essa mesma particularidade de ter possibilidades é que muitas vezes lhe causa angústia, pois a responsabilidade por suas escolhas cai sobre si mesmo. É o que poderíamos chamar de paradoxo da liberdade: a beleza e a angústia de fazer escolhas.

1.2. 3. O pecado: uma chave de leitura da condição humana

Para compreender, segundo Kierkegaard, o indivíduo e aquilo que o forma, devemos compreender primeiramente o conceito de pecado hereditário e primeiro pecado, que são definidos a partir de Adão, o primeiro homem, tal como o próprio filósofo definiu em sua obra *O conceito de Angústia*. A respeito da angústia manifestada no indivíduo, ele afirma:

Se um humano fosse um animal ou um anjo, não poderia angustiar-se. Dado que ele é uma síntese, pode angustiar-se, e quanto mais profundamente se angustia, tanto maior é o ser humano, mas não, contudo, no sentido em que os homens em geral o consideram, referindo a angústia a algo externo, com algo que é exterior ao homem, e sim no sentido de que ele mesmo produz a angústia.¹⁷

O primeiro pecado foi aquele cometido por Adão, o qual alguns chamam de pecado do primeiro pai, e o pecado que cometemos na história a partir de Adão pode ser nomeado de pecado hereditário, tal como afirma o autor em seu livro supracitado: “O pecado hereditário é o presente, é a pecaminosidade, e Adão é o único em que esta não teria ocorrido, pois veio a ser por meio dele”.¹⁸

Kierkegaard empenhou-se em conhecer o pecado hereditário introduzido no mundo por Adão, e não apenas o pecado de Adão em si. A partir disso, podemos

¹⁶ ALLEN; SPRINGSTED, *Filosofia para entender Teologia*, p. 282.

¹⁷ KIERKEGAARD, *O conceito de angústia*, p. 161.

¹⁸ *Ibid.*, p. 28.

começar a entender o indivíduo atual e como ele se comporta diante da pecaminosidade. Por isso, conhecemos a importância de explicar o pecado de Adão e de que modo ele pode influenciar o indivíduo. Sobre isso, afirma Kierkegaard:

Explicar o pecado de Adão é, portanto, explicar o pecado hereditário, e de nada adianta uma explicação que queira explicar Adão, mas não o pecado hereditário, ou queira explicar o pecado hereditário, mas não Adão. A razão mais profunda de tal impossibilidade está naquilo que é o essencial da existência humana: que o homem é o *individuum* e, como tal, ao mesmo tempo ele mesmo e todo o gênero humano, de maneira que a humanidade participa toda inteira do indivíduo, e o indivíduo participa de todo o gênero humano.¹⁹

1.3. O desenvolvimento da filosofia existencialista no século XX

Como vimos, Kierkegaard foi considerado o primeiro filósofo existencialista, especialmente por sua ênfase na pessoa como indivíduo que deve escolher, em meio a circunstâncias nem sempre favoráveis. Essa filosofia teve considerável desenvolvimento ao longo do século XX, destacando-se nomes como Heidegger, Sartre, Gabriel Marcel, dentre outros. Neste trabalho não discorreremos a respeito deles, mas somente apresentaremos alguns elementos do seu pensamento como ponto de diálogo com Viktor Frankl e seu pensamento.

1.3.1. A fenomenologia

Martin Heidegger (1889-1976) foi um grande filósofo alemão que, durante sua carreira filosófica, publicou diversas obras consideradas essenciais para a consolidação do pensamento filosófico que estava sendo constituído em sua época. Foi discípulo do filósofo Edmund Husserl (1859-1938), este que foi o criador do importante método fenomenológico, que exerceu crucial influência sobre toda a reflexão desenvolvida posteriormente por Heidegger.

O filósofo começou os seus estudos em uma escola jesuíta e fez alguns semestres de estudo na faculdade de teologia católica, na Universidade de Friburgo. Entretanto, em sua carreira resolveu não seguir os caminhos teológicos; porém,

¹⁹ *Ibid.*, p. 30.

considerando esses elementos, torna-se notória a sua base clássica e teológica como determinante em sua filosofia.²⁰

A teoria do conhecimento ou epistemologia de Husserl foi formulada de maneira diferenciada, por isso foi dado a ela o nome de fenomenologia, que a define como uma “ciência dos fenômenos”, ou ainda uma ciência dos “objetos”, de modo que a sua abordagem é um método que está diretamente ligado com a nossa objetividade, com o exercício de sempre “voltar às coisas” (HELFERICH, 2006, p. 389).

A filosofia de Husserl, ou melhor, sua fenomenologia, exerceu uma influência crucial na formação do pensamento existencialista. Foi a partir da reflexão sobre os objetos, considerando aquilo que é exterior ao ser e também está ligado a ele, que Husserl desenvolveu sua teoria. Abbagnano, em seu dicionário, ao falar sobre o existencialismo, afirma o seguinte:

Existir significa *relacionar-se* com o mundo, ou seja, com as coisas e com os outros homens, e como se trata de relações não necessárias em suas várias modalidades, as situações em que elas se configuram só podem ser analisadas em termos de possibilidades. Esse tipo de análise foi possibilitado pela fenomenologia de Husserl, que elaborou o conceito de transcendência. Segundo esse conceito, nas relações entre sujeito cognoscente e objeto conhecido ou, em geral, entre sujeito e objeto (não só no conhecimento, mas também no desejo, na volição etc.), o objeto não está dentro do sujeito, mas permanece fora, e dá-se a ele “em carne e osso”. Esse conceito manteve-se rigoroso na filosofia de Husserl, mas exerceu grande influência no existencialismo, para o qual as relações entre o *ser-aí* (isto é, o ente que existe, o homem) e o mundo sempre se configuraram como transcendência.²¹

Ser e Tempo é considerada a principal obra de Heidegger. Publicada em 1927, essa obra aborda principalmente o problema do *ser*, segundo o método fenomenológico formulado por seu mestre e predecessor Edmund Husserl. Sobre o caminho que Heidegger segue a partir da definição de *ser*, assim se refere Marilena Chauí, na introdução das obras de Heidegger na coleção *Os Pensadores*:

Aplicado ao problema do *ser*, o método fenomenológico utilizado por Heidegger leva-o a colocar como ponto de partida de sua reflexão aquele *ser* que se dá a conhecer imediatamente, ou seja, o próprio

²⁰ HUISMAN, *Dicionário dos filósofos*, p. 472.

²¹ ABBAGNANO, *Dicionário de Filosofia*, p. 402.

homem. O caminho que leva ao ser – pensa Heidegger – passa pelo homem, na medida em que este está sozinho para interrogar-se sobre si mesmo, colocar-se em questão e refletir sobre o seu próprio ser.²²

Heidegger considera como principal tarefa do filósofo a busca constante do ser, partindo da reflexão acerca da existência. Mas a sua reflexão filosófica não está presa apenas aos limites do próprio homem, pois ele busca desvelar-se além de suas fronteiras.

1.3.2. Algumas características do existencialismo

A partir do que estudamos, podemos traçar aqui algumas características do existencialismo. Pode-se dizer que o existencialismo é um humanismo caracterizado por analisar e descrever o sentido (ou a falta ou a busca deste) e as contradições da existência humana. Assim, procura mostrar que o indivíduo não é uma peça na engrenagem, mas um ser íntegro em si mesmo.

Como sinalizamos antes, o existencialismo tem várias nuances. Uma delas está em afirmar ou negar a Deus. O existencialismo crente, como o de Kierkegaard, valoriza o relacionamento do indivíduo com Deus, a fé e angústia que isso causa. Essa angústia tem em comum com o existencialismo ateu um certo pessimismo, que pode ser entendido como desespero humano frente à falta de um sentido claro e palpável para a existência, que parece absurda ao homem, especialmente por causa da morte.

De todo modo, o ser humano enquanto indivíduo é o centro da reflexão filosófica existencialista, não o homem em geral, mas o indivíduo, com seus limites e as possibilidades de superá-los, com seu cotidiano, sua liberdade de escolha e seus dramas. No existencialismo, o homem não é um objeto definido e fechado, como uma pedra, mas um ser aberto, com inúmeras possibilidades. Todas essas características do existencialismo apontam para uma diferença fundamental na história da filosofia: em vez de se distanciar de si mesmo em suas reflexões, o filósofo existencialista é convocado a fazer da experiência pessoal não só o ponto de partida de sua reflexão, mas também a se aprofundar nela. E a história de Viktor

²² CHAUI, Heidegger – vida e obra, p. 8.

Frankl que estudamos neste trabalho está em perfeita consonância com isso, pois ele filosofou a partir daquilo que viveu concretamente nos campos de concentração, daquilo que sofreu e também superou.

Capítulo 2

VIKTOR FRANKL: O SER HUMANO É CAPAZ DE TRANSCENDER-SE

2.1. O sofrimento humano do ponto de vista da filosofia

No capítulo anterior, abordamos alguns aspectos da filosofia existencialista, especialmente a de Kierkegaard, o primeiro, depois de Hegel, a voltar-se para as questões do indivíduo. Apresentamos algumas características dessa filosofia do século XX, dentre as quais destacamos sua abordagem antropológica, ou seja, o modo como o existencialismo procurou considerar o homem não enquanto conceito universal, mas a partir de suas experiências concretas de vida.

A abordagem antropológica do existencialismo nos conduz a Viktor Frankl, sobrevivente do holocausto, que tematizou as experiências humanas, particularmente o sofrimento e sua superação, a partir de sua vivência como refugiado nos campos de concentração. A partir daquele sofrimento extremo, Frankl fez reflexões antropológicas que podem ser inspiradoras para entender o homem como ser que padece e que supera a dor.

Consideramos que esta nossa reflexão está inserida no âmbito da Antropologia Filosófica, pois saber quem é o homem constitui um problema científico discutido por diversas áreas do conhecimento e permite questionar mais acerca de novas nuances de sua natureza. Refletir sobre sua essência e sua estrutura ética constituinte, por sua vez, é um problema filosófico que amplia a questão apresentada.

Nesse horizonte de estudo, a Antropologia filosófica pode ser tomada como ciência fundamental, porque aborda o ser humano do ponto de vista dos seus princípios últimos e oferece contribuições singulares para a busca de maiores aprofundamentos ao estudo do tema do sofrimento. Para isso, levamos em consideração o que diz Mondim:

A crítica kantiana à metafísica, os progressos da ciência, a emersão da consciência histórica e outros fatores já no século XIX, e depois, decididamente ainda no século XX, deram uma reviravolta na

investigação antropológica: abandona-se o terreno metafísico no qual [...] os filósofos trabalharam até Kant, para se colocarem em outros termos: o da história, da ciência, da cultura, da fenomenologia, da religião etc.²³

Nesse sentido, em diferentes períodos e sob ângulos diversos, o homem foi estudado pela Filosofia grega, pela Filosofia cristã, pela moderna e também pela contemporânea. Sendo assim, percebemos que o estudo sobre o homem desempenhou, na história da Filosofia, um papel crucial, pois sempre foi alvo de muitas controvérsias. As mudanças ocorridas nos últimos tempos proporcionaram abordar o ser humano em perspectivas que antes não eram tão consideradas.

Levando em consideração esses avanços, a antropologia filosófica se interessa pelo homem em sua totalidade. Para considerar sua totalidade, é fundamental considerá-lo em suas dimensões constituintes, dando atenção a todos os aspectos de sua vida que ajudam a formá-lo, principalmente os seus comportamentos e experiências.

A vida, do ponto de vista científico, pode ser tomada como uma organização da matéria, composta por uma multiplicidade de substâncias e moléculas; do ponto de vista filosófico, a vida é constituída por muitos outros aspectos, podendo ser configurada pelo amor, pela esperança, pelo conhecimento, pelo relacionamento entre os indivíduos. Em nossa pesquisa, nos debruçamos sobre as experiências de dor e sofrimento do ser humano.

2. 2. Dor e sofrimento: definições

Quando abordamos o sofrimento, sabemos que esse tema pode ser considerado um tanto quanto delicado, pois afeta o sentimento das pessoas, podendo trazer à memória lembranças tristes, de experiências desafortunadas. Há pessoas que não gostam nem mesmo de falar em sofrimento, dor ou doença, pois consideram que o simples tocar nesse assunto seria um elemento de atração negativa para outras desgraças em suas próprias vidas. Crenças que ainda perduram em nosso tempo, marcado pelo culto da razão e pelo conhecimento

²³ B. MONDIN, *O homem, quem é ele?*, p. 13.

científico, demonstram a forte resistência em aceitar esse assunto como inerente à vida, ou mesmo como algo construtivo, enquanto oportunidade de aprendizado pessoal.

Sabemos que o sofrimento é um padecimento causado pela vivência de alguma dor, seja ela física ou mental. Portanto, de alguma forma todos estamos suscetíveis a experiências dolorosas, sem que isso seja propriamente um fruto de nossas escolhas. O sofrimento é considerado como parte integrante da experiência de viver, mesmo que isso não seja apresentado de maneira evidente, de modo que todos precisamos viver tais experiências negativas que não dependem apenas do indivíduo para existir. Sobre o sofrimento, considera o professor de bioética James F. Drane:

O sofrimento é sentido como algo imposto de fora, porém é mais exatamente uma experiência interior que ameaça a integridade de um eu (*self*) ou a identidade própria de cada pessoa.²⁴

Considerando sua etimologia, a palavra *sofrimento* tem origem na palavra latina *sufferere*, que quer dizer “suportar, tolerar, aguentar”.²⁵ Assim, a pessoa que sofre é aquela que suporta algo, por causa de algo ou em vista de algum fim. Nesse sentido da palavra, podemos considerar que suportar ou aguentar refere-se a algo negativo, do ponto de vista prático; portanto, seria um padecimento da pessoa. Sofrer é sentir, mas, mais do que isso, é sentir tendo que suportar dor ou padecimento. Mas, mesmo não sendo essencialmente positivo, o sofrimento pode ser encarado como algo construtivo, educativo até, se perfeitamente compreendido.

Tendo presente a definição de sofrimento, sabemos que ela pode se aplicar a diversas situações existenciais na trajetória humana, como em patologias ou alterações da saúde física, nas situações de perda e dor, ou mesmo em circunstâncias de enfrentamento de problemas psicológicos.

As pesquisas a respeito da dor e do sofrimento possuem numerosos direcionamentos, sobretudo no campo da medicina, da psicologia e, mais ainda, da filosofia. A dor pode ser elucidada como:

²⁴ DRANE, *Alívio para a dor e o sofrimento*, p. 13.

²⁵ Cf. *Ibid.*

Um fenômeno neuropsicológico complexo, de aspecto pluridimensional (sensorial, afetivo, cognitivo e comportamental) e suscetível de ser modulado por numerosos fatores, cuja origem se situa tanto no nível do indivíduo (fatores neurofisiológicos e psicológicos) como no do seu ambiente (fatores sociais).²⁶

Dor e sofrimento estão estreitamente relacionados. Ambas as experiências, se não são idênticas, possuem características muito próximas em suas constituições e, de certo modo, podem ser confundidas. Em muitos casos, a dor física experimentada por um indivíduo pode ser o ponto de partida para outros padecimentos por ele vividos, de ordem psicológica.

2.3. A Filosofia e o sofrimento

Ao longo da história, sabemos que grande parte dos filósofos criaram as teorias a partir de suas próprias experiências: do ambiente em que viveram, das suas condições sociais e políticas e, ainda, a partir de muitos outros aspectos vivenciais e particulares. Portanto, o filósofo é aquele autor que cria a teoria a partir de si e dos que estão a sua volta. Muitos deles criaram um conjunto de pensamentos, a partir de seus padecimentos, sejam eles físicos ou psicológicos.

Desde o início da Filosofia, o tema do sofrimento está presente. Sócrates, por exemplo, preferiu enfrentar o extremo sofrimento da morte a ser conivente com um julgamento injusto. Foi a partir do sofrimento dessa morte injusta que Platão desenvolveu sua filosofia de uma sociedade justa. A trajetória filosófica de Agostinho também foi marcada pelo sofrimento, como se pode ler nas *Confissões*.

Também esse foi o caso de Pascal, de Nietzsche e ainda muitos outros filósofos. Tanto Nietzsche como Pascal possuíram ideais de vida totalmente distintos, principalmente em suas compreensões acerca da religião. No entanto, possuíram um ponto de ligação muito forte entre suas filosofias: a experiência de sofrimento através da enfermidade. Ambos viveram padecimentos físicos que foram determinantes para suas criações filosóficas e para o direcionamento de suas reflexões e da produtividade que deixaram como legado de suas vidas. Certamente

²⁶ DORON; PAROT, *Dicionário de Psicologia*, p. 256.

os filósofos que passaram por experiências com limites extremos de dor ou sofrimento transportaram essa vivência para suas obras e, sobretudo, para toda a sua vida.

Também Blaise Pascal foi acometido por dolorosas enfermidades que o levaram à morte precoce, assim como aconteceu com o próprio Nietzsche. Tendo isso presente, podemos afirmar, segundo afirma Thiago Calçado, que:

[...] tanto Nietzsche quanto Pascal tiveram vidas marcadas pelo sofrimento oriundo da enfermidade e como cada um se identificou nessa relação com a dor, afirmando a si mesmos e às suas próprias filosofias.²⁷

Neste trabalho, escolhemos destacar o exemplo de Nietzsche por ser um filósofo muito citado em nossa época, especialmente como o filósofo que fala do além-do-homem, como o surgimento de um ser humano forte, independente de Deus. Mas esse mesmo homem, que parecia tão forte, conheceu no século XX os horrores da guerra em expressões em nada condizentes com o progresso, como foi o caso do nazismo, do qual Viktor Frankl foi vítima. Quanto a Nietzsche, mesmo anunciando a pujança e a força, também foi um filósofo marcado pelo sofrimento.

Friedrich Nietzsche foi considerado “o Anticristo”, porque foi o filósofo que defendeu o pensamento acerca da morte de Deus, morte essa que, para ele, seria justamente o marco da história da humanidade, e não o nascimento de Jesus Cristo. Ao anunciar a morte de Deus, Nietzsche inicia claramente um ataque ao cristianismo enquanto organização que condena os homens de muitas maneiras. Ele condenou a doutrina cristã, pois ela teria primeiramente condenado tudo o que há de prazeroso na terra, através da concepção de pecado difundida pelo próprio cristianismo. Com o advento da ideia de pecado, o cristianismo passa a penalizar os instintos humanos e, por consequência, o homem começa a escolher para si o que lhe é nocivo; por esse motivo, Nietzsche abomina o cristianismo e reafirma a ideia de que os homens são os verdadeiros responsáveis pela morte de Deus.²⁸

O filósofo desenvolveu, nessa direção, diversas críticas ao cristianismo enquanto instituição, tendo uma visão totalmente contrária à figura de Jesus de

²⁷ CALÇADO, *O sofrimento como redenção de si*, p. 31.

²⁸ Cf. CALÇADO, *O sofrimento como redenção de si*, p. 88.

Nazaré. Ele criou muitos outros conceitos importantes, como a teoria do Eterno Retorno, na qual o mundo não caminha de modo retilíneo em direção a um fim, nem seu devir é progresso, mas tudo retorna em um movimento eterno, tanto as coisas como nós mesmos.²⁹

O próprio Viktor Frankl destacou uma frase de Nietzsche que considera muito importante em seu pensamento:

Ouso dizer que nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que a vida da gente tem um sentido. Há muita sabedoria nas palavras de Nietzsche: “Quem tem por que viver suporta qualquer como”. Nessas palavras vejo um lema válido para qualquer psicoterapia. Nos campos de concentração nazistas, poder-se-ia ter testemunho que aqueles que sabiam que havia uma tarefa esperando por eles tinham as maiores chances de sobreviver...³⁰

O complexo pensamento de Nietzsche foi possível justamente por ele próprio possuir uma grande fragilidade física que o fez dar um salto na constituição do conhecimento e crescer intelectualmente, através de sua sensibilidade. Seu amadurecimento intelectual tem relação direta com suas enfermidades e padecimentos, pois o sofrimento e a dor sempre estiveram presentes na vida de Nietzsche.³¹

Ao escrever *Ecce Homo* – livro considerado de caráter autobiográfico –, Nietzsche fala diversas vezes sobre suas experiências que ajudaram em sua caminhada filosófica, de maneira especial as enfermidades que padeceu em sua curta vida, que atuaram como direcionadoras de seu pensamento e amadureceram seu conhecimento em sua prática investigativa. Para ele, sua existência pode ser considerada uma fortuna, no sentido de que pode desenvolver coisas de incomparável importância para a humanidade, com seu papel indispensável. Entretanto, a sua existência possuiu uma exclusiva singularidade na fatalidade. Sua vida foi intensamente envolta por experiências dolorosas, desde a infância:

²⁹ Cf. REALE, ANTISERI, *História da Filosofia*, vol. 6, p. 13-14.

³⁰ FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 129.

³¹ Cf. CALÇADO, *O sofrimento como redenção de si*, p. 36.

De fato, assim me aparece agora aquele longo tempo de doença: descobri a vida e a mim mesmo como que de novo, saboreei todas as boas e mesmo pequenas coisas, como outros não as teriam sabido saborear – fiz da minha vontade de saúde, de *vida*, a minha filosofia... Pois atente-se para isto: foi durante os anos de minha menor vitalidade que *deixei* de ser pessimista.³²

A própria teoria do Eterno Retorno foi criada em um período muito difícil da vida de Nietzsche, um período de grande enfermidade. Sobre a importância do sofrimento na construção filosófica de Nietzsche, afirma Thiago Calçado:

[...] é justamente essa fragilidade física, passível de muita dor e sofrimento, que permitirá a Nietzsche libertar-se lentamente do contexto intelectual no qual estava inserido. Enfim, sugere-se aqui compreender, por mais paradoxal que aparente ser, que a doença o libertou da verdadeira enfermidade: aquela do pensamento decadente.³³

Nietzsche, como Pascal, viveu tais experiências difíceis (dor, sofrimento), mas em vez de usá-las como ferramentas de autodiminuição, fizeram delas instrumentos eficazes para bem conduzir suas vidas. Outros filósofos, mesmo aqueles que não souberam encarar o sofrimento como instrumento de afirmação de si, utilizaram-no, mesmo inconscientemente, nas suas produções filosóficas, uma vez que estas são, evidentemente, reflexos de suas vivências e emoções.

Ao evidenciarmos os exemplos de alguns pensadores, queremos alcançar aquilo que concerne ao sentido do sofrimento para eles. Tendo presente aquilo que eles deixaram como obras, percebe-se que foram homens que nunca fugiram da dor, enfrentaram-na e, conseqüentemente, buscaram compreender os seus significados e sentidos. O mesmo aconteceu com Viktor Emil Frankl, com as suas experiências de sofrimento durante o período em que esteve preso nos campos de concentração nazistas. Eram campos de extermínio, lugares que por si demonstravam muita dor, muito sofrimento.

³² NIETZSCHE, *Ecce homo*, p. 23.

³³ CALÇADO, *O sofrimento como redenção de si*, p. 13.

2.4. O sofrimento e a vontade de sentido em Viktor Frankl

Assim como Kierkegaard, Pascal, Nietzsche e outros pensadores, Frankl lidou com o sofrimento e este foi fundamental na reflexão que desenvolveu. De algum modo ele conseguiu resistir, compreender e aprender o que estava vivendo confinado à prisão nos campos de concentração, como também soube recolher disso coisas boas. Ele construiu duramente degraus que o levaram à realização pessoal e ao encontro consigo mesmo, e essa foi a mais sublime de suas obras. O campo de concentração foi capaz de levá-lo a se conhecer e a se encontrar. Ele fala sobre sua experiência com o sofrimento e sobre como o sofrimento se aproxima dele e se torna presente no interior da pessoa:

Assim como determinada quantidade de gás preenche um espaço oco sempre de modo uniforme e integral, não importando as dimensões desse espaço, o sofrimento, seja grande ou pequeno, ocupa toda a alma da pessoa humana, o consciente humano.³⁴

Viktor Frankl, ao sair do campo de concentração em 1945, levou consigo uma expressiva bagagem de conhecimentos, que nunca tivera em sua magnífica carreira de médico construída antes de ser preso injustamente. A sua experiência de situações altamente nocivas (que assim seriam a qualquer ser humano) se tornou um elemento de fortalecimento para levar adiante a sua vida e a sua carreira, como jamais ele teria pensado, e de uma maneira que nenhum livro ou universidade poderia tê-lo ensinado.

Em seu retorno ao convívio social, depois de sua libertação do campo de concentração, escreveu um livro que se tornou um grande sucesso mundial. Nessa obra traduzida para o português com o título *Em busca de sentido*, ele narra as experiências vividas no holocausto nazista, promovido por Adolf Hitler. A respeito do processo de publicação dessa obra, que é base para este trabalho, afirma Frankl:

Em 1945, ditei em nove dias o livro sobre o campo de concentração, que depois foi vendido aos milhares nos Estados Unidos. Durante os ditados, eu estava decidido a publicá-lo anonimamente, para conseguir me expressar mais à vontade. Por esse motivo, a capa da primeira edição não traz o meu nome. O livro já estava na gráfica havia tempos quando meus amigos me convenceram a assinar o seu

³⁴ FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 63.

conteúdo. Não consegui me contrapor a esse argumento e ao apelo deles à minha coragem.³⁵

Frankl mostra que o sofrimento pode ser vivido de uma maneira construtiva e não habitual, quando abordado também de maneira não habitual, quando a pessoa que sofre a dor a experimenta acompanhada de um sentido. A *Vontade de Sentido* é o cerne de toda a sua filosofia, e foi a partir dela que ele desenvolveu a chamada Logoterapia, que nada mais é do que a abordagem das experiências pessoais tendo como base o sentido da vida.

Certamente, todos os homens que viveram nos campos de extermínio nazistas experimentaram grandes provações, não só físicas (as quais já não eram poucas), mas sobretudo psicológicas. Seria fácil compreender a regressão psicológica de qualquer ser humano ao estar num lugar como um campo de concentração. O autor descreve em sua obra diversos tipos de reação frente ao sofrimento vivido, sobretudo aqueles de natureza psicológica, que, segundo ele, eram os mais terríveis:

A dor física causada por golpes não é o mais importante – por sinal, não só para nós, prisioneiros adultos, mas também para as crianças que recebem castigo físico! A dor psicológica, a revolta pela injustiça ante a falta de qualquer razão é o que mais dói numa hora dessas.³⁶

Aqueles que viviam aterrorizados cotidianamente pela ameaça de morte tinham pesadelos frequentes, envolvendo a realidade vivida. Considerando a existência marcada pela precariedade das condições mínimas de sobrevivência, os prisioneiros tinham pesadelos com pães, tortas e vários tipos de comida. Mas Viktor Frankl considera que nenhum desses pesadelos – mesmo aqueles mais terríveis – poderia ser mais duro do que viver num campo de concentração. Aquele era o maior pesadelo. E isso não se podia explicar.

Jamais vou esquecer certa noite em que fui acordado pelo companheiro que dormia ao meu lado a gemer e revolver-se, evidentemente sob o efeito de algum pesadelo horrível. [...] eu já estava prestes a acordar o pobre companheiro atormentado pelo pesadelo [...], naquele momento me conscientizei com muita nitidez

³⁵ FRANKL, *O que não está escrito nos meus livros*, p. 125.

³⁶ FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 39.

de que nem mesmo o sonho mais terrível poderia ser tão ruim como a realidade que nos cercava ali no campo [...].³⁷

Chama a atenção nesse relato de Frankl o grau de lucidez e consciência, que lhe possibilitou discernir o que lhe parecia melhor para o companheiro que estava vivendo um pesadelo. Ele pôde se perguntar: O que é melhor para ele, o pesadelo do sonho ou o horror da realidade? Também Frankl estava vivendo o mesmo horror, mas, ainda assim, em sua lucidez, foi capaz de agir sabiamente, o que demonstra como ter um sentido para a vida, por mais difícil que ela seja, favorece a tomada de decisões éticas.

2.4.1. Diversas reações ao sofrimento

Levando em consideração todo o material que ele criou a partir de observações feitas sobre si e sobre os outros companheiros, de experiências passadas em campos de concentração, Frankl distingue ao menos três fases importantes de reações psicológicas que os prisioneiros manifestavam, durante sua passagem pelos campos de concentração.

A primeira fase “caracteriza-se pelo que se poderia chamar de choque de recepção”,³⁸ em que as pessoas, ao chegarem a esses campos, começavam a perceber, paulatinamente, quão terrível e humilhante era aquele lugar:

Enquanto ainda esperamos pelo chuveiro, experimentamos integralmente a nudez: agora nada mais temos senão esse nosso corpo nu (sem os cabelos). Nada possuímos a não ser, literalmente, nossa existência nua e crua.³⁹

O choque de ser recepcionado num campo é algo que caracteriza a primeira fase dentro do campo, segundo Frankl. Todos, de certa forma, já conheciam a fama de Auschwitz e o que poderia acontecer com eles quando chegassem lá. Na verdade, não sabiam de nada: quem está fora nunca sabe. Quando avistavam a

³⁷ FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 45.

³⁸ *Ibid.*, p. 22.

³⁹ *Ibid.*, p. 25.

placa da estação ferroviária com a palavra Auschwitz, sentiam-se acometidos de medo ou terror. Logo na entrada do campo sempre se presenciavam cenas de horror que deixavam os prisioneiros mais impressionados. “O horror tomava conta de mim, e isso era bom: segundo a segundo e passo a passo, precisávamos nos defrontar com o terror”.⁴⁰

Tantos outros sofrimentos incontáveis eram impostos aos recém-chegados. Essa recepção sempre ficava marcada de maneira definitiva na vida daquelas pessoas. Ao vivenciar a recepção negativa, certamente os prisioneiros começavam a refletir acerca de sua sobrevivência, que, na verdade, era tudo o que lhes restara. Frankl sobreviveu e pôde fazer do horror uma reflexão de superação e sentido, o que não ocorreu para a grande maioria.

Uma coisa que se fazia muito importante era encontrar e renovar sempre o sentido da vida, para que cada um não desistisse de sua vida. O não desistir era fundamental: aqueles que sobreviveram foram apenas aqueles que não desistiram, e isso era coisa para poucos. Sobre isso, afirma Frankl:

O não iniciado que olha de fora, sem nunca ter estado num campo de concentração, geralmente tem uma ideia errada da situação num campo desses. Imagina a vida lá dentro de modo sentimental, simplifica a realidade e não tem a menor ideia da feroz luta pela existência, mesmo entre os próprios prisioneiros e justamente nos campos menores. É violenta a luta pelo pão de cada dia e pela preservação e salvação da vida.⁴¹

Num ambiente de tamanho terror, os prisioneiros não conseguem discernir quem é o inimigo. A disputa pela sobrevivência levava os prisioneiros a lutar entre si, deixando de perceber que estavam na mesma situação, não havendo necessariamente o sentimento de solidariedade. Para além disso, nessa luta, muitos tornavam-se inimigos de si mesmos, entregando-se por não parecer haver saída.

Para o autor, existem diversos elementos que constituem a chamada segunda fase das reações psicológicas dos prisioneiros do nazismo, dentre os quais a apatia, a insensibilidade emocional, o desleixo interior e ainda a indiferença, sobretudo com os sentimentos e sofrimentos alheios.⁴² Essa indiferença começa quando se torna comum presenciar os espancamentos e bordoadas que os guardas distribuía

⁴⁰ *Ibid.*, p. 23.

⁴¹ *Ibid.*, p. 16.

⁴² *Ibid.*, p. 35

gratuitamente aos prisioneiros. Mas Frankl chama a atenção para aquilo que pode ser considerado como a maior dor, que não é a dor física, mas a dor moral, a humilhação. Para fazer tal descrição, Frankl narra um fato que aconteceu com ele próprio, quando um guarda, para o repreender por uma falta de disciplina no trabalho, não quis sequer gritar ou bater nele, apenas jogou uma pedra, como se chama a atenção de um bicho qualquer, pois talvez o tenha julgado como um moribundo que não merecia nem mesmo apanhar; isso levou Frankl a se sentir humilhado e distante de ser um homem, mas um animal sem qualquer razão. A partir dessa experiência, ele afirma:

A dor física causada por golpes não é o mais importante – por sinal, não só para nós, prisioneiros adultos, mas também para as crianças que recebem castigo físico! A dor psicológica, a revolta pela injustiça ante a falta de qualquer razão é o que mais dói numa hora dessas.⁴³

A narração da segunda fase, feita por Frankl, faz perguntar pelo limite da humanidade. Por um lado, até que ponto o ser humano pode ser cruel e humilhar seu semelhante; por outro, até que ponto o indivíduo pode suportar tal situação sem, interiormente, abrir mão da dignidade, apesar do que lhe acontece exteriormente, e também do que ele precisa para fortalecer essa dignidade. A resposta de Frankl é a vontade de sentido, possibilitada pela abertura própria do ser humano:

[...] o homem é abertura ao mundo. Ele o é em contraste com os animais, que não são abertos ao mundo (*Welt*), mas, sim, são limitados a um meio (*Umwelt*) específico à espécie [...] Em contraste, derrubar as barreiras do meio imposto à espécie *Homo sapiens* é uma característica constitutiva da espécie humana. O homem busca e, nessa busca, tende a atingir o mundo, mundo esse repleto de outros seres humanos a encontrar e de sentidos a preencher...⁴⁴

Essa abertura, essa capacidade de derrubar as barreiras é que possibilitam ao ser humano não sucumbir diante do sofrimento e da humilhação. Porém, a humilhação moral deixa marcas que vão além daquilo que o sofrimento físico causa.

É preciso força para transcender essas marcas, pois não são só as amarras interiores que podem prender e rebaixar o homem. Vemos isso na chamada terceira fase, que também é uma fase de muita provação. Essa é a fase que compreende a

⁴³ *Ibid.*, p. 39.

⁴⁴ FRANKL, *A vontade de sentido*, p. 46.

vida pós-libertação do campo de concentração. Mesmo com a posse de liberdade, os prisioneiros não sabiam mais viver com ela, nem sabiam quais reações deveriam tomar no momento de sua liberdade. Eles não sabiam mais ser livres, nem sentiam mais alegria com a sua liberdade. Sobre as reações dos prisioneiros após suas libertações, Frankl declara:

À noitinha, quando voltam a se reunir os companheiros em seu velho barracão, um chega para o outro e lhe pergunta às escondidas: “Diga-me uma coisa: você chegou a ficar contente hoje?”. O outro responde: “Para ser franco, não!”. E fica envergonhado, porque não sabe que com todos é assim. Literalmente, desaprendemos o sentimento de alegria. Seria necessário aprender de novo a alegrar-se.⁴⁵

O contentamento é expressão de ter sentido para a vida. A alegria de partilhar as coisas simples do cotidiano. O existencialismo chama a atenção para aquilo que constitui o ser humano: fatos simples do cotidiano são importantes. Viktor Frankl presta atenção a eles, desenvolve uma antropologia filosófica e, em sua psicoterapia, aplica isso aos pacientes.

2.4.2. O trabalho e o sofrimento frente ao extermínio

É importante abordar de maneira especial a questão do trabalho nos campos nazistas, tendo presente as análises de Frankl a partir de sua obra. Os trabalhos que os prisioneiros eram forçados a realizar eram extremamente desumanos e ainda possuíam um agravante muito significativo: a fome excessiva.

Em certos momentos, Viktor Frankl sentiu-se profundamente ameaçado pela morte, por consequência de esforços físicos excessivos. Essa era uma das principais causas de morte entre os prisioneiros. Por isso, quando houve a oportunidade de se apresentar voluntariamente para ajudar num setor de doenças contagiosas (tifo exantemático), como médico, nem quis pensar muito e logo se ofereceu; ele havia percebido nisso uma oportunidade de salvar a própria vida naquele momento, ou, ao menos, de morrer por uma causa mais nobre: ajudando

⁴⁵ FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 114.

seus companheiros doentes, em vez de morrer de cansaço e fome como um trabalhador braçal.

Eu sabia que, num comando de trabalho, eu me acabaria dentro de pouquíssimo tempo. Já que iria morrer, então eu queria que minha morte tivesse sentido. Alguma espécie de ajuda a meus companheiros enfermos, na qualidade de médico, sem dúvida me parecia ter mais sentido do que morrer como trabalhador braçal ineficiente que eu era então.⁴⁶

Entretanto, ao contrário do que muitos pensam, o trabalho para os prisioneiros não era a coisa pior, frente aos outros tipos de sofrimentos que eram obrigados a suportar. O trabalho às vezes servia como distração para aqueles que padeciam psicologicamente.

Conforme encontramos em imagens e em outros diversos registros, em quase todos os campos de concentração havia, em sua entrada principal, a frase *Arbeit macht frei* (*O trabalho liberta*, em tradução livre). Essa frase possuía um profundo significado ideológico para aquela época, e para os prisioneiros também, na medida em que era motivo intencional de tormento, presente até mesmo em suas noites de pesadelos.

A frase, em seu uso histórico, sempre retratou uma ideologia de busca pela virtude por meio do trabalho. Ela assumiu um significado de opressão para os nazistas esvaziando de significado a prática de um trabalho construtivo quando o institucionalizam em um ambiente desumano. Sabemos que, em quase todos os campos de concentração, havia a mensagem de trabalho como libertador, colocado de modo alienado no cenário da morte.

Ainda acerca do trabalho, não podemos deixar de levar em consideração que Viktor Frankl, antes de ser aprisionado pelos nazistas, era possuidor de uma carreira profissional promissora. Tornou-se precursor na psicologia em uma época em que a psicanálise de Freud era o modelo dominante:

Como caricaturista, assim como psiquiatra, percebo as fraquezas de uma pessoa. Só que, como psiquiatra, ou ao menos psicoterapeuta, posso, a partir das fraquezas (factuais), descobrir intuitivamente as possibilidades (facultativas) para superar essas fraquezas, e para além da desgraça de uma situação ainda posso rastrear as

⁴⁶ *Ibid.*, p. 68.

possibilidades de dar um sentido a essa situação e, assim, transformar o sofrimento aparentemente sem sentido num feito humano real. E a bem da verdade, estou convencido de que não existe nenhuma situação que não englobe nenhum tipo de possibilidade de sentido. Essa parte essencial dessa convicção é trabalhada e sistematizada pela Logoterapia.⁴⁷

Tendo presente o que Frankl fala na nota apresentada acima, percebemos como e por que a psiquiatria e a psicanálise foram as escolhas profissionais feitas por Viktor Frankl. Portanto, desde o princípio de sua carreira, ele foi extremamente preocupado com o desenvolvimento humano a partir de sua interioridade. O sofrimento também estava presente em seus questionamentos, mesmo antes de vivenciar a experiência dada a ele pelo nazismo de Hitler. Certamente, depois dessa vivência ele passou a olhar o sofrimento de uma maneira diferenciada, e a tomá-lo como modelo de transformação interior.

⁴⁷ FRANKL, *O que não está escrito nos meus livros*, p. 57.

Capítulo 3

A ANTROPOLOGIA DE FRANKL: O SER HUMANO E A CAPACIDADE DE SUPERAÇÃO

Conforme afirmamos acima, nosso trabalho situa-se, em filosofia, na área de Antropologia filosófica, pois procuramos aqui abordar o homem como ser capaz de transcender-se, superar o sofrimento e aprender com ele. Contudo, sendo Viktor Frankl um médico psiquiatra e psicanalista por formação, o acesso a sua antropologia se dá de modo privilegiado por meio da Logoterapia, que é a psicoterapia fundamentada na busca de sentido e desenvolvida por ele.

Elisabeth Lukas sintetiza bem a genialidade da terapia desenvolvida por Frankl:

Frankl focalizou a sua logoterapia claramente no homem. É ali que deve concentrar-se, este é o lugar profundo e indiscutível. Mas como o homem é um ser pluridimensional, embora não necessariamente um ser intermediário, também uma doutrina integral do homem, como a logoterapia, deve ter uma estrutura pluridimensional. Deve dar o devido valor ao corpóreo, ao psíquico, ao social e ao espiritual, levar a sério igualmente a herança animal do homem e a sua necessidade religiosa, sem misturar as diferentes dimensões.⁴⁸

Assim, podemos notar que a autora mostra aquilo que consideramos de suma importância no pensamento de Frankl: focalizar o ser humano, levando em conta sua complexidade. A logoterapia tem presente as diversas dimensões do homem, ou seja, o homem todo, integral, o que faz dela um recurso muito eficiente naquilo que ela se propõe realizar.

3.1. Filosofia e terapia a partir de si mesmo

Não existem dúvidas de que o campo de concentração nazista foi um marco divisor na vida de Frankl. Para ele, aquelas experiências foram determinantes para

⁴⁸ LUKAS, *Psicologia Espiritual*, p. 13.

constituir o Viktor Emil Frankl, enquanto pessoa, depois de sua soltura do cárcere. Certamente ele viveu uma transformação interior, e para tal movimento, o sofrimento exerceu papel crucial. As experiências-limite impostas pelo nazismo foram o ponto de partida para a sua metamorfose interior. Seus sofrimentos foram incalculáveis e deixaram marcas que jamais puderam ser esquecidas:

Durante anos a fio a pessoa acreditou ter chegado ao ponto mais baixo possível do sofrimento, mas constata agora que, de alguma forma, o sofrimento não tem fundo, que aparentemente não existe o ponto baixo absoluto, e as coisas podem piorar cada vez mais, descer cada vez mais.⁴⁹

Uma vertente da transformação experimentada por ele é o passadiço entre o cuidado do outro, exigido por sua profissão, em que ele dedicou toda a sua vida e sua história, para o cuidado próprio. Para isso, ele precisou voltar-se para si mesmo, de modo a dar atenção às próprias questões.

Mesmo possuindo uma vasta experiência de ouvir as pessoas, de deparar-se com seus problemas físicos e, mais ainda, psicológicos, e sabendo ajudá-las de alguma forma, não foi o suficiente para ele conseguir desenvolver um cuidado de si.

Frankl precisou transformar suas experiências negativas de dor em um encontro pessoal consigo mesmo, este que pode ser vivido de maneira tão dramática quanto o seu encontro com o outro. Podemos afirmar que o encontro pessoal consigo certamente é, para qualquer um, muito mais difícil do que o encontro com o outro. Para tal feito, o psicólogo vienense precisou tomar a si mesmo como outro, ser o médico de si, ser seu próprio psicólogo.

Para isso, ele precisava criar momentos de reflexão, nos quais pudesse ter a oportunidade de pensar sobre a sua pessoa e tudo aquilo que estava obrigado a vivenciar naquele lugar. Certamente momentos de privacidade ou pausas para pensar eram muito necessários para cada um, mas nem sempre possíveis. Frankl, por ser médico e ajudar no setor de doenças graves, às vezes tinha a oportunidade de sentar um pouco, por alguns minutos, sem que percebessem a sua ausência na frente de trabalho. Ele utilizava desses momentos para refletir acerca do seu sofrimento e, sobretudo, do sentido de tudo aquilo para a sua vida:

⁴⁹ FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 118.

Nesta eu me sentava, sempre que me podiam dispensar por alguns minutos como médico no galpão. Aninhado ali, eu contemplava – por entre a vinheta obrigatória do arame farpado – os vastos campos verdejantes e floridos, as distantes colinas azuis da paisagem bávara.⁵⁰

Viktor Frankl consegue mostrar que o ser humano consegue superar situações-limite, quando busca interiormente o sentido real de sua existência. Ele experimentou a sublime experiência do amor dentro do campo de concentração. Conseguiu reconhecer o verdadeiro amor que sentia por sua esposa, e isso, para acontecer, precisou estar nessa situação-limite. Ele tinha a consciência de que, quando nada mais resta para si, sempre o amor supera e ajuda a progredir na busca pela sobrevivência. Em suas palavras, afirma:

Compreendo agora o sentido das coisas últimas e extremas que podem ser expressas em pensamento, poesia – e em fé humana: a redenção pelo amor e no amor! Passo a compreender que a pessoa, mesmo que nada mais lhe reste neste mundo, pode tornar-se bem-aventurada – ainda que somente por alguns momentos – entregando-se interiormente à imagem da pessoa amada.⁵¹

Frankl, ao escrever a obra *Em busca de sentido*, não queria apenas ajudar as outras pessoas (isso, para ele, era muito relevante), mas levar ao mundo a sua tentativa de encontro consigo e dar ao mundo a oportunidade de também eleger isso como um objetivo de vida. Ele não queria se autopromover, mas queria que as pessoas vivessem uma experiência de encontro com seu próprio eu a partir de suas vivências, mesmo aquelas dolorosas, mas que constituem um fator determinante na formação da pessoa.

3.2. O homem: um ser muito mais que o instinto

O sofrimento neste prisma de entendimento é uma oportunidade vivencial de olhar sob nova ótica o direcionamento do existir humano, que se reveste de sentido – passa a ter uma razão própria para cada pessoa.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 71.

⁵¹ *Ibid.*, p. 55.

Segundo Frankl, no modelo psicanalítico de Freud, o homem era determinado por impulsos instintivos e Frankl também foi um dos responsáveis por superar essa ordem dominante, pois para ele o ser humano possui certo grau de liberdade, sem precisar negar a realidade dos impulsos que também são constitutivos dele.⁵²

Frankl, em sua vida profissional, direcionou-se para um caminho de transição da psicanálise – esta que era tomada como uma psicologia científica – para a psicologia existencialista, que leva em consideração, de maneira especial, o amadurecimento do homem. Para ser capaz de transcender essa ordem vivida pela Psicologia da época, Frankl precisou entrar em contato direto com a proposta freudiana, como também com todo o psicologismo produzido por Adler, que eram propostas a ele contemporâneas.⁵³

Durante muitos anos de sua carreira, ele esteve próximo desses dois paradigmas teóricos. Entretanto, posteriormente sentiu a necessidade de afastar-se, e conduzir suas pesquisas por outros direcionamentos. Frankl também teorizou a respeito do sentido da vida, mas de maneira distinta da proposta adleriana, conforme se afirma neste trecho:

Segundo Frankl, a pessoa humana buscava um sentido para a vida, e Adler, apesar de ter até mesmo escrito um livro com o título: *O sentido da vida*, na verdade acreditava que o homem estava pelo mundo em busca do poder e da conquista da superioridade. Essa concepção de homem detona a separação entre Adler e Frankl, que parte agora para uma maior clareza de ideias teóricas e formulação definitiva de sua teoria psicológica.⁵⁴

Um dos pontos fortes de sua produção psicológica é a questão do vazio existencial e da importância de buscar o sentido para a vida, que ele mesmo chamou de “Vontade de Sentido”.

Cada época tem suas neuroses e cada tempo precisa de sua psicoterapia. De fato, hoje não nos defrontamos mais, como nos tempos de Freud, com uma frustração sexual, mas, sim, com uma frustração existencial. E o paciente típico de nossos dias não sofre tanto, como nos tempos de Adler, de um sentimento de inferioridade, mas de um sentimento abismal de falta de sentido, que está

⁵² Cf. FRANKL, *A Vontade de sentido*, p. 46.

⁵³ Cf. *Ibid.*, p. 61.

⁵⁴ GOMES, *Logoterapia*, p. 11.

associado a um sentimento de vazio interior, razão pela qual tento a falar de um vazio existencial.⁵⁵

3.3. A importância do sentido da existência

Vimos anteriormente como Viktor Frankl passou por experiências de sofrimento extremas. Ele, porém, as enfrentou de maneira bastante construtiva, a ponto de criar uma forma de ajudar as pessoas a transcender as situações difíceis. A fim de entender melhor a compreensão do ser humano enquanto capaz de superar o sofrimento, vamos tomar como ponto de partida a seção da obra *Em busca de sentido* intitulada “Conceitos fundamentais de logoterapia”.

Na introdução a essa parte, Frankl esclarece que, em vez do passado, a logoterapia centra-se mais no futuro, nas ações que o paciente tem de realizar no futuro.⁵⁶ Essa ideia está de acordo com o que Viktor Frankl pensa a respeito do ser humano: um ser aberto para o futuro, capaz de se reinventar e de superar o mais horrendo dos sofrimentos.

O que faz a pessoa capaz de modificar sua vida, superar suas barreiras e mesmo seguir vivendo é chamado por Viktor Frankl *vontade de sentido*. Ele assim se expressa:

A logoterapia [...] concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por esse sentido. Para a logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano. Por essa razão, costumo falar de uma *vontade de sentido* a contrastar com o princípio do prazer [...] no qual repousa a psicanálise freudiana, e contrastando ainda com a vontade de poder, enfatizada pela psicologia adleriana através do uso do termo “busca de superioridade”.⁵⁷

Essa vontade de sentido, para Viktor Frankl, não é algo secundário, mas um dado essencial, que permite ao ser humano superar situações difíceis e até mesmo dar a vida: “[...] o ser humano é capaz de viver e até mesmo de morrer por seus ideais e valores”.⁵⁸ Esse aspecto nobre do ser humano, porém, não é garantia de

⁵⁵ FRANKL, *O sofrimento de uma vida sem sentido*, p. 9.

⁵⁶ FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 123.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 124.

⁵⁸ FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 125.

realização. Ele pode falhar, e Frankl chama isso de *frustração existencial*, que é quando a pessoa não vive conforme seus valores. Na base disso está a concepção antropológica de Frankl e da logoterapia:

A logoterapia diverge da psicanálise na medida em que considera o ser humano um ente cuja preocupação principal consiste em realizar um sentido, e não na mera gratificação e satisfação de impulsos e instintos, ou na mera reconciliação das exigências conflitantes de id, ego e superego,⁵⁹ ou na mera adaptação e no ajustamento à sociedade e ao meio ambiente.⁶⁰

O ser humano é, então, um ser em busca de realização que vai além de impulsos ou satisfação de meras necessidades. Essas necessidades podem ser de poder, de prazer, como já foi acenado. Não significa que os impulsos ou necessidades não sejam importantes para o ser humano, mas tudo no humano se organiza em vista do sentido de sua existência. É isso que o torna capaz de suportar e superar os sofrimentos, ou mesmo de renunciar a coisas positivas em vista de alguma causa que tenha significado para ele.

A realização humana, porém, não coincide com certa concepção de felicidade, entendida como estado de prazer constante:

Em condições normais, o prazer nunca é a finalidade última da atividade humana, mas, sim – e deve continuar sendo –, um efeito, muito especificamente um efeito colateral da consecução de uma meta. Em outras palavras, se há uma razão para ser feliz, a felicidade se apresenta automática e espontaneamente. Essa é a razão pela qual nunca se deve buscar a felicidade, esta não deve ser objeto de preocupação, na medida em que houver uma razão para ela.⁶¹

O primado da realização humana é a vontade de sentido, que pode até fazer composição com o prazer, o poder e outras vontades que caracterizam o ser humano. A felicidade, como entende Frankl, é um efeito colateral da busca da realização de uma tarefa com sentido. Mais importante que a felicidade é o motivo

⁵⁹ Freud concebeu a psique humana como id, ego e superego. O id é a busca de prazer, de satisfação; o superego é como que um juiz ou um pai que tende a controlar os desejos do id. O ego fica entre os dois e tem que decidir entre satisfazer os desejos. (Cf. DORON, R.; PAROT, F. *Dicionário de Psicologia*, p. 127.)

⁶⁰ FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 128.

⁶¹ FRANKL, *A Vontade de sentido*, p. 48.

pelo qual se busca ser feliz, pois na prática, o ser humano não se importa com a felicidade em si mesma, mas com aquilo que causa felicidade⁶².

3.4. O homem, um ser em tensão

Frankl também destaca que a busca de sentido é marcada pela tensão. Ter sentido na vida não significa viver um estado de apatia ou inércia. O ser humano se caracteriza também pela tensão:

A busca por sentido certamente pode causar tensão interior, em vez de equilíbrio interior. Entretanto, justamente essa tensão é um pré-requisito indispensável para a saúde mental. Ouso dizer que nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que a vida da gente tem um sentido [...] a saúde mental está baseada em certo grau de tensão, tensão entre aquilo que já se alcançou e aquilo que se deveria alcançar, ou o hiato entre o que se é e o que se deveria vir a ser [...] O que o ser humano realmente precisa não é um estado livre de tensões, mas antes a busca e a luta por um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente. O que ele necessita não é a descarga de tensão a qualquer custo, mas antes o desafio de um sentido em potencial à espera de seu cumprimento.⁶³

Pensamos que o trecho acima apresenta características significativas do modo de Viktor Frankl a respeito de sua compreensão de ser humano enquanto abertura para o futuro, e não um ser preso em seu passado, em sua história, em suas circunstâncias. A tensão é, então, um indicativo de que o ser está em crescimento, não está parado. Por isso, “a tensão não constitui algo a ser incondicionalmente evitado”,⁶⁴ pois uma certa medida de tensão indica que há um sentido a ser preenchido. E a falta dessa tensão indica inércia ou ausência de foco num direcionamento para o futuro.

Naturalmente, o passado, a história e as circunstâncias não deixam de ter importância na vida da pessoa. Mas o que a move é o seu projeto, o seu futuro, a tarefa que tem por realizar. O ser humano saudável, portanto, não é

⁶² Cf. FRANKL, *A Vontade de sentido*, p. 56.

⁶³ FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 129-130.

⁶⁴ FRANKL, *A Vontade de sentido*, p. 64.

necessariamente aquele que está livre do sofrimento, mas aquele que tem uma causa, que possui razões para lutar.

3.4.1. O problema do vazio existencial

O problema humano seria não primeiramente a dor, o sofrimento ou qualquer outro tipo de dificuldade, mas o vazio existencial que se revela em fenômenos como a depressão, a agressão, o vício, a libido sexual em proporções descabidas.⁶⁵ Com uma linguagem bastante comum da filosofia existencialista, Frankl afirma que o vazio existencial marca muitas pessoas do século XX, e explica as razões disso:

As tradições que serviam de apoio para seu comportamento, atualmente têm diminuído com grande rapidez. Nenhum instinto lhe diz o que deve fazer e não há tradições que lhe digam o que ele deveria fazer; às vezes ele não sabe sequer o que deseja fazer. Em vez disso, ele deseja fazer o que outros fazem (conformismo) ou ele faz o que outras pessoas querem que ele faça (totalitarismo).⁶⁶

O fato de o homem não ser pronto e acabado é possibilidade, mas em certo sentido é também risco, já que não há uma receita pronta do que o homem deva realizar ou um instinto que o satisfaça totalmente. Os extremos dessa situação são o conformismo, que significa simplesmente adequar-se à grande massa, imitando o que os outros fazem, sem raciocinar criticamente ou ainda submeter-se à tirania de outro que pensa e decide por ele. Tanto em um caso como em outro, a pessoa terceiriza sua responsabilidade, quando o ideal humano consiste em assumir a própria vida com responsabilidade.

3.4.2. A solução para o vazio: ter uma tarefa a realizar

Mas qual seria o sentido da vida, ou o que preencheria o vazio existencial? Frankl responde:

Não se deveria procurar um sentido abstrato da vida. Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida; cada um precisa

⁶⁵ FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 132.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 131.

executar uma tarefa concreta, que está a exigir realização. Nisso a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim, a tarefa de cada um é tão singular como a sua oportunidade específica de levá-la a cabo.⁶⁷

Aí se expressa mais uma característica do ser humano: a singularidade de cada pessoa. Sendo assim, o sentido da existência de cada um não pode ser dado de maneira genérica, universal. Cada pessoa, conforme suas circunstâncias, tem uma tarefa a realizar, e mais ninguém pode fazer isso em lugar dela. Nisso percebemos a característica da filosofia existencialista, que já com Kierkegaard, como vimos no capítulo anterior, volta-se não para conceitos abstratos como a Razão, o Espírito, mas debruça-se na pessoa individual e em sua situação concreta.

Mas, mesmo sendo individual, o sentido da vida, segundo Frankl, de certo modo está fora da pessoa, ou além dela. Ou seja, a pessoa deve se dirigir para alguém ou algo diferente de si mesma, algo a realizar ou uma pessoa a encontrar. Assim, o sentido da vida pode ser descoberto de três formas: primeiro, por um trabalho ou realização de um ato. Segundo, pela experiência de algo ou pelo encontro de alguém, como a experiência de bondade ou mesmo a natureza ou a cultura humana; essa experiência também se dá quando se ama alguém como ser original e único. Em terceiro lugar, pela atitude em relação a um sofrimento inevitável.⁶⁸

3.4.3. O sofrimento como caminho de descoberta do sentido

A respeito do sofrimento como ocasião de encontrar o sentido para a vida, Viktor Frankl baseia essa convicção na ideia de que, quando não se pode mudar algo, ou seja, quando se está diante de uma fatalidade, é possível mudar a própria atitude diante de um acontecimento. Isso porque

[...] a principal preocupação da pessoa não consiste em obter prazer e evitar a dor, mas antes em ver sentido em sua vida. Essa é a razão por que o ser humano está pronto até a sofrer, sob a condição, é claro, de que o sofrimento tenha um sentido.⁶⁹

⁶⁷ *Ibid.*, p. 133.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 135.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 137.

Frankl explica, porém, que o sofrimento não é necessário para que a existência tenha sentido e não seja vazia. O que ele quer dizer é que, por si, o sofrimento não é obstáculo. Não há heroísmo em sofrer sem necessidade, mas é certamente benéfico enfrentar o sofrimento inevitável, encontrando uma razão, um sentido, para além dele.

3.5. Responsabilidade da pessoa perante seu destino

Outra característica antropológica importante para Viktor Frankl é a responsabilidade do indivíduo sobre sua existência. Vejamos uma citação que reforça essa ideia:

A logoterapia procura criar no paciente uma consciência plena de sua própria responsabilidade; por isso precisa deixar que ele opte pelo que, perante que ou perante quem ele se julga responsável [...] É o paciente quem decide se deve interpretar a tarefa de sua vida como sendo responsável perante a sociedade ou perante sua própria consciência.⁷⁰

Assim, o ser humano, para Frankl, tem responsabilidade pessoal sobre sua vida. Por isso, o terapeuta da logoterapia não dá respostas, pois não tem responsabilidade sobre a escolha que o paciente faz. Do mesmo modo, nenhum pregador ou mestre pode ser responsabilizado pelas decisões da pessoa. Por isso, a função da terapia de Frankl, com base em sua antropologia, tem a função de ampliar a visão da pessoa em relação a si mesma e ao mundo, em vez de lhe dar uma resposta pronta.

Essa responsabilidade, reconhece Frankl, pode ser interpretada pelo ser humano de maneiras diversas, inclusive religiosa:

A logoterapia não quer cruzar a fronteira entre psicologia e religião, mas deixa a porta aberta a esta, deixando ao paciente a escolha de passar por ela ou não. É ao paciente que cabe a decisão a respeito de como ele venha a interpretar a própria responsabilidade; se, em última instância, ela diz respeito à humanidade, à sociedade, à

⁷⁰ *Ibid.*, p. 134.

própria consciência ou a Deus. É o paciente quem decide, diante de si, por quem ou por que ele é responsável.⁷¹

A religião, para Frankl, aparece como uma das possibilidades de realização do sentido da existência. Ele usa a imagem da porta aberta, que é bastante sugestiva para indicar as possibilidades de interpretação para encontrar o sentido da vida.

O homem é um ser de possibilidades, escolhas e responsabilidade. Perante quem a pessoa é responsável? Não há resposta clara. Cabe a cada um responder. Essa resposta pode ser a humanidade, uma pessoa, a sociedade inteira, Deus ou mesmo a consciência da própria pessoa. Do ponto de vista do sentido, não importa tanto. O importante mesmo é que o indivíduo perceba sua responsabilidade, encontre sua tarefa no mundo e procure levá-la adiante. A imagem da porta aberta, das possibilidades, poderia sugerir certo relativismo, segundo o qual tanto faz qualquer escolha. Muitas escolhas são possíveis, é verdade, mas para o indivíduo que escolhe, não é qualquer uma que faz sentido. Vai fazer sentido a escolha feita com consciência da responsabilidade, a escolha que não aprisione a pessoa.

A respeito da religião, Frankl afirma que a psicoterapia não deve misturar elementos de fé. No entanto, ele reconhece a importância da religião como elemento que pode contribuir para a saúde mental da pessoa, pois oferece segurança para que a pessoa siga adiante. Frankl refere-se à religião como “âncora espiritual”,⁷² ou seja, como um apoio válido para conduzir a vida.

3.5.1. O ser humano e a fé

Viktor Frankl reconhece que só a razão não é capaz de responder pelo sentido da vida e sobretudo do sofrimento:

O homem é incapaz de entender o sentido último do sofrimento humano porque “o mero pensamento não pode revelar o mais alto dos propósitos”, como Albert Einstein declarou certa vez. Eu diria que o sentido último – ou como eu prefiro chamar, o “suprassentido” – não diz respeito a uma questão de conhecimento intelectual, mas de

⁷¹ FRANKL, *A vontade de sentido*, p. 178.

⁷² *Ibid.*, p. 179.

fé. Não conseguimos relacionar-nos com esse suprasentido em um solo puramente racional, mas apenas em solo existencial, através do todo de nosso ser, isto é, por meio da fé.⁷³

Ao falar da religião, como vimos acima, Frankl mostra-a como possibilidade. Contudo, a fé, que não se esgota na religião, mas vai além dela, não aparece como elemento facultativo para que a existência tenha sentido, e sim como algo de grande importância, essencial. Ele parte da afirmação de que o pensamento, o raciocínio humano, possui limites; por isso, é incapaz de dar resposta quanto ao sentido último da existência, da vida. Para isso, é preciso o auxílio da fé. Frankl chama esse sentido último de *suprasentido*, que transcende ao raciocínio, pois está relacionado com a vida no seu todo. No suprasentido, entram o raciocínio, as emoções, os sentimentos, as relações. A fé tem a possibilidade de unificar tudo isso. Assim, conforme diz Frankl: “A confiança no sentido e a fé no ser, por mais latentes que sejam, são transcendentais e, portanto, indispensáveis”.⁷⁴

Essa fé de que Frankl fala não é necessariamente a fé que ocorre no âmbito da religião, mas tem a ver com o lado transcendental do ser humano, sua tendência de ir além, de não se fixar, mas de buscar sempre mais. E para falar dessa vontade de ir sempre além, o ser humano cria sistemas de símbolos: “O homem é o ser capaz de criar símbolos, um ser que necessita de símbolos...”.⁷⁵ A criação de símbolos é também expressão de fé, que, por sua vez, indica o ser humano como um ser que deseja viver com propósito, com uma intenção maior do que ele mesmo.⁷⁶ Assim, a fé está relacionada com tudo aquilo que no ser humano escapa a certo controle rígido, como, por exemplo, a criatividade. Poderíamos dizer que a fé também é expressão daquilo que diferencia o ser humano dos outros animais, ou seja, sua capacidade de transcender.

Assim, a fé é um elemento importante também na superação do sofrimento ou, em outras palavras, para interpretar o sofrimento de modo que este faça sentido e não deixe a pessoa sucumbir diante da dor. A fé tem a ver com o ideal que as pessoas têm na vida. E quando se tem um ideal maior que si mesmo, o sofrimento,

⁷³ *Ibid.*, p. 181.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 187.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 190.

⁷⁶ Cf. *Ibid.*, p. 47.

a dor, as privações deixam de ser obstáculos para ir adiante em um projeto, sendo até fatores de fortalecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano é multifacetado. Dele nós podemos falar de muitas maneiras e em relação a vários âmbitos. Neste trabalho, iniciamos procurando tratar do ser humano como ser que enfrenta o sofrimento e se pergunta por que está sofrendo e o que pode fazer diante disso.

Fizemos isso a partir do pensamento de Viktor Frankl, que teorizou a partir de sua própria vida, também marcada pelo sofrimento. Consideramos Frankl como filósofo ligado ao existencialismo, corrente que procura levar em consideração as situações concretas do indivíduo em sua reflexão, ou seja, o homem não como um conceito abstrato, mas um ser que está no mundo e neste mundo precisa fazer suas escolhas. Ao escolher, o ser humano encontra barreiras. Dentre essas barreiras, está o sofrimento, que é um padecimento causado pela vivência de alguma dor de natureza física ou mental. Sofrer é sentir, tendo que suportar a dor. De diversos modos, ao longo da história da filosofia, o sofrimento foi tematizado. Escolhemos Viktor Frankl porque ele fala do sofrimento indicando, de maneira filosófica, o caminho de superação. Isso não significa que ele apresente uma receita superficial, mas apresenta esse caminho em sua complexidade.

Viktor Frankl fez isso, a nosso ver, porque não desconectou a teoria da vida: a experiência de superação daquilo que viveu no campo de concentração alicerçou sua compreensão a respeito do ser humano, a qual lhe possibilitou desenvolver a logoterapia, terapia do sentido da existência, que procura abarcar o ser humano em todas as suas dimensões, sendo capaz de transcender condicionamentos biológicos, sociais e psicológicos.

O homem, para Viktor Frankl, é muito mais do que seus instintos. Ele não se reduz à satisfação de seus impulsos mais básicos, como a vontade de satisfazer prazeres ou de ter poder. Ainda que a busca de prazer e poder integre o homem, este não se reduz a ela.

Frankl também mostra que o ser humano é um ser em tensão. Justamente por ir além dos seus instintos, por ter abertura, o homem vive em tensão. Ele está

colocado entre aquilo que já alcançou e que pode alcançar. Se, por um lado, isso significa, para ele, possibilidade, por outro implica certo sofrimento. Mas acreditamos que o sofrimento pode ser uma oportunidade de crescimento.

Nessa tensão, porém, o ser humano corre o risco de cair no vazio. Esse vazio existencial consiste em não se assumir como responsável pela própria existência e simplesmente cair em estado de conformismo, vivendo como os outros vivem ou querendo que outros realizem a tarefa que compete ao indivíduo.

Mas como o humano é abertura, há saída para o vazio. Ela consiste em ter uma tarefa para realizar no mundo, algo a fazer. Diante do vazio, da falta de sentido para a vida, o homem deve se perguntar: O que é que eu devo fazer? Qual é a minha tarefa? E não se trata de uma tarefa abstrata, mas de algo concreto a ser realizado. Como dito acima, a resposta não se dá sem tensão, mas possibilita levar a vida adiante, com sentido.

No entanto, além de ter uma tarefa concreta para realizar, o indivíduo não pode ter a si mesmo como referência absoluta. Para não ficar em vazio existencial, essa tarefa a realizar deve ter como meta algo ou alguém externo: um trabalho, um encontro com alguém ou com a natureza, ou a superação de uma situação de sofrimento. Nisso consiste o sentido da própria existência.

No que se refere ao sofrimento, tema que nos motivou neste trabalho, Frankl o coloca como algo que possibilita descobrir o sentido da vida. Ou seja, em vez de se fixar em suas características, tais como a dor, a perda, Frankl o relativiza. Não é que o sofrimento em si seja valorizado, mas sua força é diminuída diante da abertura que o ser humano é. Diante do sentido descoberto, o sofrimento deixa de ser simplesmente obstáculo, podendo se tornar força propulsora para o crescimento humano.

Com este trabalho, percebemos a importância da pergunta: “O que é o ser humano?”. A resposta não é fácil, não é unívoca, pois o ser humano é pluridimensional, mas nem por isso deve-se abandonar tal questionamento. Assim, a perspectiva de Viktor Frankl, na esteira da filosofia existencialista, que vê o ser humano como abertura, com tensão para o futuro, é forma adequada para abordar o ser humano em suas diversas faces, dentre as quais o sofrimento. Tal abordagem

nos permite perceber que aquilo que parece negativo, doloroso, pode ser superado em vista de um sentido que o indivíduo, como responsável por sua existência, descobre.

Em seu livro *É isto um homem?*, Primo Levi (1919-1987) se pergunta:

*Vocês que vivem seguros
em suas cálidas casas,
vocês que, voltando à noite,
encontram comida quente e rostos amigos,
pensem bem se isto é um homem
que trabalha no meio do barro,
que não conhece paz,
que luta por um pedaço de pão,
que morre por um sim ou por um não.
Pensem bem se isto é uma mulher,
sem cabelos e sem nome,
sem mais força para lembrar,
vazios os olhos, frio o ventre,
como um sapo no inverno.
Pensem que isto aconteceu:
eu lhes mando estas palavras.
Gravem-nas em seus corações,
estando em casa, andando na rua,
ao deitar, ao levantar;
repitam-nas a seus filhos.*

*Ou não, desmorone-se a sua casa,
a doença os torne inválidos,
os seus filhos virem o rosto para não vê-los.*

Mesmo diante desse quadro de horror, Frankl responderia: sim, mesmo em uma situação de muito sofrimento, o ser humano continua sendo ser humano. Pode ser que sua dignidade não seja reconhecida, pode ser que sua dor seja intensa, algo expressa a grandeza do ser humano: o sentido de sua vida, seja ela de mais prazer ou de mais sofrimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Introdução ao existencialismo*. Trad. Marcos Marcionilio. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ALLEN, Diógenes; SPRINGSTED, Eric O. *Filosofia para entender Teologia*. Trad. Daniel da Costa. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

ARLT, Gerhard. *Antropologia filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CALÇADO, Thiago. *O sofrimento como redenção de si*. São Paulo: Paulus, 2012.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Heidegger: Vida e Obra. In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Kierkegaard: Vida e Obra. In: KIERKEGAARD, Søren A. *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano*. Traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DORON, R.; PAROT, F. *Dicionário de Psicologia*. Trad. Odilon Soares Leme. São Paulo: Ática, 2000.

FONTAN JUBERO Pedro. *Los existencialismos: claves para su comprensión*. Madrid: EDITORIAL CINCEL, 1985

FRANKL, Viktor. *A vontade de sentido*. Trad. Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, Viktor. *O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver*. Trad. Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações, 2015.

FRANKL, Viktor. *O que não está escrito nos meus livros: memórias*. Trad. Cláudia Abeling. São Paulo: É Realizações, 2010.

GOMES, José Carlos Vitor. *Logoterapia: a psicologia existencial humanista de Viktor Emil Frankl*. São Paulo: Loyola, 1987.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: EDUSF, 2006.

HELFERICH, Christoph. *História da filosofia*. Trad. Luiz Repa, Maria Estela Cavaleiro, Rodnei do Nascimento. São Paulo: Martins fontes, 2006.

- HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. Trad. Marco Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HUISMAN, Denis. *Dicionário dos filósofos*. Trad. Claudia Berliner, Eduardo Brandão, Ivone Benedetti, Maria Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KIERKEGAARD, Søren Aabye. *O conceito de Angústia*. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: EDUSF, 2010.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* Trad. Luigi del RE. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LUKAS, Elisabeth. *Psicologia espiritual: fontes de uma vida plena de sentido*. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2002.
- MONDIN, Battista. *O homem, quem é ele? Elementos de antropologia filosófica*. São Paulo: Paulus, 1980.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- PETER, Ricardo. *A antropologia como terapia*. Trad. Thereza Stummer. São Paulo: Paulus, 1999.
- PAULA, Marcio Gimenes de. *Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard*. São Paulo: Paulus, 2009.
- REALE, G.; ANTISERI, D. *História da filosofia*. Volume 6. São Paulo: Paulus, 2006.
- SAKAMOTO, Cleusa Kazue; SILVEIRA, Isabel Orestes. *Como fazer projetos de iniciação científica*. São Paulo: Paulus, 2014.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. Virgílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia filosófica*. Volume I. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia filosófica*. Volume II. São Paulo: Edições Loyola, 2016.